

Casa de Mateus



Guião de Visitas
José Luís Ferreira | Maio 2018

INTRODUÇÃO

CONSTRUIR | ANTÓNIO JOSÉ BOTELHO MOURÃO, 3º MORGADO DE MATEUS

Bom dia! Bem-vindos à Casa de Mateus. A Casa de Mateus é uma maravilha da arquitetura barroca, mas é também um sítio mágico: é uma **máquina do tempo** que nos permite viajar ao longo dos últimos quinhentos anos e acompanhar desde aí muita da história de Portugal, da Europa e do Mundo; mas é também o centro de uma **rosa dos ventos**, um ponto central no universo onde **confluem**, vindos de todas as latitudes, e a partir de onde **irradiam** pessoas, ideias, histórias, documentos, artefactos que, juntos, constituem um espólio único que é nossa missão preservar e divulgar.

Imaginem-se, por favor, há quinhentos anos. Estamos então no primeiro quartel do séc XVI e o Palácio que está atrás de nós ainda demorará mais de 200 anos para aparecer aqui com a imponência que podem ver. Porém, a mesma família que ainda hoje habita o Palácio já tinha iniciado a aquisição de terras e a acumulação de património que viria a fazer dela uma das famílias mais importantes desta Região e da Corte Portuguesa. O edifício das Casas da Adega, que está situado em face da Ala Norte, já ali existia, tendo sido depois aumentado e reconfigurado.

Avancemos agora duzentos anos e imaginemo-nos em meados do séc. XVIII. O Morgadio de Mateus [forma de vínculo fundiário inalienável e indivisível que era transmitido por via masculina ao filho primogénito] tinha já sido instituído em 1641 por António Álvares Coelho. Os cruzamentos familiares, reflectidos neste brasão, continuavam a reforçar a acumulação de riqueza e uma gestão conscienciosa permitia a multiplicação da capacidade produtiva das quintas que constituíam o grande ativo da família.

Entretanto, o Barroco irrompeu em Portugal ao longo do reinado de D. João V e a aristocracia com mais recursos seguia o exemplo real e afirmava o seu estatuto através da uma monumentalidade sólida e festiva. No Porto, e um pouco por todo o Norte de Portugal, Nicolau Nasoni, arquiteto, artista e decorador italiano, espalhava a sua obra, da qual os exemplos mais notórios serão a Torre e a Igreja dos Clérigos.

É neste contexto que António José Botelho Mourão, 3º Morgado de Mateus, decide reconstruir o palácio que já existia aqui, bastante mais modesto, e encomendar a Nicolau Nasoni este que é um dos monumentos mais representativos e mais característicos do Barroco em toda a Europa e que está classificado como Monumento Nacional desde 1911.

Como poderão ver, o Palácio, que terá ficado pronto em 1743, desenvolve-se de acordo com uma planta em U recortado e integra todos os elementos estilísticos característicos do Barroco: o movimento conferido pela sucessão de pátios e escadarias, a simetria, a dimensão cenográfica que acentua uma representação do poder, a decoração imponente de que são exemplo os elevados pináculos decorativos... A Capela que podemos ver ao lado da Casa, dedicada à Nossa Senhora dos Prazeres, foi concluída em 1750, já pelo filho de António José, D. Luís António, de quem voltaremos a falar mais tarde.

Regressemos então ao séc. XXI, desliguemos os telemóveis, recordemos que não é permitido registar fotografias ou vídeos e que o mobiliário e os objetos que vamos ver já tiveram uma vida longa e a sua preservação implica que não sejam tocados. Vamos viajar!

SALÃO NOBRE

RECEBER | D. FRANCISCO, 3º CONDE DE MANGUALDE, 6º DE VILA REAL E 5º DE MELO

Estamos no Salão Nobre da Casa de Mateus. Espaço central e especialmente simbólico da arquitetura barroca, o Salão Nobre é o lugar onde se recebiam as visitas importantes, onde decorriam as festas e os bailes mais importantes e concorridos, à luz destes tocheiros em madeira de castanho e destes dois lampiões de ferro dourado que já estariam aqui no séc. XVII. À maneira das salas de armas típicas das casas nobres dos séculos XVII e XVIII, ostenta, no teto de madeira de castanho, as armas do construtor da Casa, António José Botelho Mourão - Botelho, Mourão, Vasconcelos e Aguiar -, as mesmas que se encontram no lugar cimeiro ao centro da fachada da Casa. Para que possamos compreender de uma maneira mais completa todos os ramos que foram fortificando a árvore genealógica da família, foi aproveitado um reposteiro original com as armas dos Sousa para replicação com as armas dos Botelho, Melo e Albuquerque.

D. Francisco de Sousa Botelho de Albuquerque, o 6º Conde de Vila Real, pai do atual titular da casa, D. Fernando, institui a Fundação da Casa de Mateus em 1970, com o fim de preservar o património, estudar o seu arquivo, abrir a casa à fruição sistemática pelos seus visitantes e investir na atividade cultural e artística que sempre marcou a vida do Palácio.

Nesta sala, podemos desde já intuir uma relação especial com a pintura. Reza a tradição da família que António José, o 3º Morgado, terá feito encomendar em Roma pelo seu irmão, o Arcediago de Labruge, de quem voltaremos a falar mais tarde, uma série de pinturas 'à medida' das paredes a que eram destinadas e onde hoje, em muitos casos, ainda se encontram. A coleção evidencia uma grande unidade de géneros e estilos e tem como temas, para além dos retratos de família ou de personalidades importantes da corte portuguesa, aqueles que eram os habituais da época: os 'putti', símbolos do renascimento italiano que se prolongaram para o período barroco, que podemos ver representados nestes quatro quadros; as naturezas mortas e temas similares de espírito arcimboldiano; e, muito particularmente, os motivos religiosos, de que são exemplo maior os 28 caixotões com a representação de Santos que podemos encontrar na Capela.

A música, outra das presenças constantes na vida da Casa, está aqui representada neste cravo que ainda hoje — a par dos outros dois que fazem parte do espólio da Casa, dos inúmeros pianos ou, sobretudo, do órgão de tubos que se encontra na Capela — podemos ouvir em concertos realizados ao longo do ano ou por ocasião dos Encontros Internacionais de Música, iniciados em 1978 e que este ano, após uma interrupção de alguns anos, realizarão a 28ª edição.

Para além das ligações às artes, a Fundação desenvolve também uma atividade importante no domínio das ciências e da inovação, através de uma ligação permanente à Universidade de Trás os Montes e Alto Douro e à rede de universidades portuguesas.

O Salão Nobre era também aquele lugar especial onde se faz a mediação entre o espaço exterior, o mundo, e os espaços domésticos e de natureza mais privada que iremos poder visitar. Vamos conhecê-los, passando diretamente de uns para os outros, já que a arquitetura

barroca ignorava a existência de corredores e implicava uma conceção de privacidade um pouco diferente da que partilhamos hoje...

BIBLIOTECA

CONHECER | D. JOSÉ MARIA, O MORGADO D'OS LUSÍADAS

Bem-vindos à Biblioteca da Casa de Mateus. Embora este espaço, tal como o vemos, tenha sido reconfigurado em pleno séc. XX pelo instituidor da Fundação, D. Francisco de Sousa Botelho de Albuquerque, contém memórias que remontam pelo menos ao séc. XV.

O seu fundo bibliográfico contém mais de 6.000 títulos, embora nem todos possam ser vistos aqui. Nas três prateleiras superiores, podemos ver os volumes mais antigos, muitos deles obras religiosas ou científicas que demonstram a vontade da família de se manter a par das ideias do seu tempo, para além de nos dizer muito sobre a relação da família com o meio universitário e com o meio eclesiástico, as duas grandes fontes de conhecimento da altura.

Este é também o espaço de uma das mais extraordinárias aventuras editoriais que nos é dada conhecer. O seu protagonista é D. José Maria, o 5º Morgado de Mateus, matemático formado na Universidade de Coimbra, militar à imagem dos seus antepassados, mas também um diplomata particularmente atento às grandes dinâmicas estratégicas do seu tempo... O seu objeto é a Edição Monumental de Os Lusíadas, de Luís de Camões, que podemos ver documentada nas vitrinas que nos circundam.

Camões é o Homero português e Os Lusíadas a sua Odisseia. É um grande poema épico que narra as grandezas e misérias das aventuras ultramarinas que conduziram as caravelas portuguesas à descoberta daquilo a que hoje chamamos globalização. A profunda admiração que D. José Maria votava ao poeta e a noção do papel central que ocupava na cultura portuguesa e universal era atormentada pela consciência de que a sua obra era pouco conhecida e que pouca glória se lhe atribuía. Assim, foi amadurecendo no Morgado o desejo de investir uma parte importante da sua fortuna no seu reconhecimento por parte da alta cultura europeia.

Dedicou quatro intensos anos da sua vida a compilar e estudar todas as edições para encontrar uma fixação exata do texto. Encomendou aos melhores artistas franceses de então franceses (Gérard, Fragonard fils, Desenne) um conjunto de gravuras que podemos admirar nas vitrinas que nos circundam. Encomendou a impressão à oficina de Firmin Didot, em Paris, determinou a cunhagem de um tipo de letra original e único (que, aliás, mandou destruir depois do trabalho terminado)...

O resultado final, ao fim de dezassete meses de meticoloso trabalho de impressão, foi um exemplar em pergaminho, que faz parte inalienável do espólio da Casa, e outros 210 exemplares que mandou distribuir pelo Papa, pelas casas reais e pelos grandes dignitários da Europa, pelas grandes famílias portuguesas cuja educação e instrução achava que devia passar pelo conhecimento do poema, mas também por bibliotecas públicas e instituições científicas em todo mundo, para que o acesso à obra não ficasse apenas limitado ao território português e às classes elevadas.

À nossa volta, podemos ver cartas de agradecimento do Papa Pio VII, do Duque de Richelieu e de muitas outras personalidades, que assinalam a sua gratidão pela preciosa oferta e que assinalam a repercussão que a edição conheceu por toda a Europa.

SALA DA LOIÇA AZUL | SALA DE FUMO | SALA DOS RETRATOS

AGIR | D. JOSÉ LUÍS, 1º CONDE DE VILA REAL

A esta sala, chamamos hoje Sala da Loiça Azul – nome que lhe vem do serviço de mesa em porcelana chinesa do séc. XVIII que aqui podemos ver – ou Sala dos Retratos, já que aqui está representada uma boa parte das gerações da família que fundou a casa e ainda hoje a habita...

Ou ainda, Sala de Fumo... Tendo em conta os hábitos de então, não é difícil imaginar que este fosse o reduto masculino por excelência e que estas cadeiras e canapés de faia dourada e entalhada, dos finais do séc. XVIII, tenham assistido, ao som deste piano de mesa da mesma época, à discussão e, muitas vezes, à decisão de detalhes essenciais da vida política da corte, da administração da região ou das grandes questões europeias e coloniais que atravessavam a época.

A personalidade que podemos associar a esta sala é a de D. José Luís, 1º Conde de Vila Real. Filho de D. José Maria, o Morgado dos Lusíadas, viveu a sua vida de militar, diplomata e político influente na transição dos sécs. XVIII para o XIX, num período especialmente turbulento da política portuguesa e europeia.

Foi um **herói** da resistência às invasões napoleónicas, ao longo da qual chegou a ser designado General, mas foi também o **diplomata** que assinou o contrato de casamento de D. Fernando VII de Espanha com D. Maria Isabel, infanta da corte portuguesa – que, aliás, era sua sobrinha e ainda hoje é muito celebrada pelos espanhóis por ter sido a fundadora do Museu do Prado, em Madrid –, ou foi ainda o **Ministro** dos Negócios Estrangeiros português que negociou com a Inglaterra a abolição do tráfico de escravos e contribuiu para acelerar um dos grandes ganhos civilizacionais da humanidade...

Era um homem moderado, hábil na mediação entre as fações absolutistas e os excessos revolucionários. Foi, no seu tempo, acusado de ambiguidade, mas talvez seja um dos grandes impulsionadores em Portugal da ideia de uma governação equilibrada, evitando radicalismos, mas também não deixando que as fações mais retrógradas tivessem o campo livre.

D. José Luís é a figura que podemos ver neste retrato, ao lado do seu filho D. Fernando, também ele muito ativo nas grandes questões do seu tempo, com um perfil bastante mais agitador, que marcou a paisagem da região nessa época.

Acima, temos os retratos de D. José Maria, o Morgado d'Os Lusíadas e de sua irmã D. Maria do Carmo. Do lado oposto, podemos ver os retratos, os mais antigos desta sala, do séc. XVII, do Doutor Matias Álvares Mourão de Aguiar e da sua mulher D. Maria Coelho, filha do instituidor do Morgadio de Mateus.

Obras, na generalidade, de autores desconhecidos, estes retratos são, sobretudo, espelho de um duplo desejo que nunca deixou de caracterizar a Casa de Mateus: o desejo de apoiar e convocar o trabalho dos artistas, compreendendo o valor da imagem para a afirmação de uma

posteridade; e, por outro lado, o desejo de documentar, por escrito ou por imagens, em qualquer tipo de suporte, todos os protagonistas e todos os momentos, mais decisivos ou mais banais, que fazem a história da Casa e da sua inscrição nesse território vasto que é o Mundo.

SALA RICA | SALA DAS SENHORAS **ADMINISTRAR | D. LEONOR DE PORTUGAL**

A esta sala, chamamos Sala Rica ou Sala das Senhoras. Por contraste com a Sala de Fumo, aqui ao lado, este seria o espaço eminentemente feminino desta que é a ala social da casa. Aqui se encontrariam as senhoras, nos seus momentos de lazer, provavelmente partilhando a leitura de uma das obras que podemos encontrar na biblioteca ou da correspondência intensa e regular que trocavam com os homens da família, muitas vezes ausentes no cumprimento das suas missões. O Salão era, desde o período barroco, um lugar de socialização, de abertura ao mundo e de emancipação do papel da mulher.

De facto, se podemos admirar nesta sala alguns acessórios tipicamente femininos, como os seis leques que podemos ver nesta vitrina, datados dos sécs. XVIII e XIX e provenientes de Espanha, França, Inglaterra, ou de sítios distantes como a China; ou se podemos admirar a riqueza da decoração – entre a qual podemos destacar esta mesa compósita em que assenta, sobre uma base do séc. XIX, um tampo do séc. XVI, proveniente do Gujarate, no Norte da Índia, feito em madeira de teca, com decoração de placas de tartaruga e madrepérola; não podemos esquecer o papel que as mulheres da família tiveram na complexa administração da casa e das suas propriedades, ou na condução da educação e na mobilização da sua influência para melhor orientar a carreira dos maridos ou, sobretudo, dos filhos.

A personagem cuja presença ainda hoje podemos sentir nesta sala é a de D. Leonor de Portugal, aristocrata lisboeta que casa em 1756 com D. Luís António, o 4º Morgado de Mateus e virá a ser mãe de D. José Maria, o Morgado dos Lusíadas. D. Leonor, verdadeiro garante da estabilidade da casa num tempo em que o marido assumiu a Capitania de São Paulo por um longo período de doze anos, empreendeu também um conjunto de transformações decisivas na habitabilidade da casa, na organização e conforto do seu espaço doméstico, mas também na administração das propriedades e do espólio.

Dividindo a sua presença entre Mateus e a Corte, acompanhava de perto as vindimas, as restantes colheitas, as vendas. Vivendo, como o seu marido, no período imediatamente após o grande terramoto que sacudiu Portugal em 1755, tomou como seu o espírito empreendedor da época e reformou e mobilou o palácio, compôs a Capela para o culto e fez, maravilha das maravilhas, canalizar água para o piso superior da Casa, conferindo-lhe uma comodidade que hoje consideramos banal e assim modernizando radicalmente os hábitos de higiene. Repare-se que, apesar de estarmos numa casa rica, onde as comodidades eram muito superiores às das casas comuns, as tecnologias eram outras... Estas janelas não tinham vidraças, estas lareiras viriam apenas a ser instaladas no século seguinte e o clima pode ser bastante agreste nos invernos transmontanos...

Este contador Bargueño – que não estaria aqui nesta altura de que falamos, já que apenas chegou ao património da família no âmbito de uma troca de presentes entre o 3º Conde de

Vila Real e o rei D. Fernando, que em troca recebeu um extraordinário colar de safiras – ou este contador indo-português do séc. XVII, executado em Goa e decorado com embutidos de ébano e marfim, também ele uma aquisição mais recente, podem ainda assim simbolizar o papel de D. Leonor de Portugal na organização e na administração da casa e o seu cuidado, partilhado com toda a família, em documentar e manter o registo de toda a atividade da casa.

SALA DAS QUATRO ESTAÇÕES | SALA DO TIJOLO GOVERNAR | D. LUÍS ANTÓNIO, 4º MORGADO DE MATEUS E CAPITÃO-GERAL DE SÃO PAULO

Esta é a Sala das Quatro Estações, assim designada por causa dos quadros que podem ver, inspirados em Arcimboldo, pintor italiano do séc. XVI que pela primeira vez utilizou motivos naturais – frutos, flores ou, mais prosaicamente, legumes – para compor a fisionomia humana. A Primavera, Verão e Outono são atribuíveis a Francesco Zucchi, pintor italiano do séc. XVII. O Inverno é uma cópia realizada nos anos 50 do séc. XX.

Uma outra história, a da relação com a Corte, é-nos contada pelos retratos que podemos ver junto às janelas, de D. João V, aclamado rei de Portugal em Janeiro de 1707, e da sua mulher, Maria Ana de Áustria. O seu reinado, que foi um dos mais longos da história portuguesa, durou até 1750 e coincidiu com a época de construção da Casa.

Os quatro contadores que aqui vemos, todos do séc. XVIII, executados em vinhático e pau santo, falam-nos de duas das histórias que se cruzam nesta Casa: da amplitude das relações e e dos negócios empreendidos pela Casa de Mateus, que tinham que ser registados e comprovados para que a riqueza não se dispersasse; por outro, das constantes viagens realizadas pelos senhores da Casa, fosse no seu movimento pendular entre Mateus e a Corte, fosse nas infundáveis viagens originadas pelas sucessivas missões em terras estrangeiras.

Uma das mais distantes, das mais demoradas e, seguramente uma das mais consequentes, foi a que resultou da nomeação de D. Luís António, 4º Morgado de Mateus, para assumir o lugar de Governador da Capitania de São Paulo. D. Luís António, casado com D. Leonor de Portugal de quem falámos [falaremos] a propósito da Sala das Senhoras e pai de D. José Maria, o Morgado d’Os Lusíadas, partiu para o Brasil em 1765, com a missão de restaurar a Capitania, de defender os territórios coloniais ameaçados pela coroa espanhola e também de ser o emissário das políticas de reforma e modernização que o Marquês de Pombal exigia a partir de Lisboa.

Para além da expansão e desenvolvimento que promoveu, de que é exemplo a fundação de Campinas ou a primeira ligação entre São Paulo e Santos, empenhou-se em tópicos que, para si, eram indissociáveis da criação de uma sociedade desenvolvida e mais justa: a educação e a promoção da cultura. Uma das primeiras medidas que tomou, chegado a São Paulo e ocupado em reformar o Seminário onde se iria instalar, foi a de aí mandar construir uma Casa de Ópera, dando lugar a repertórios cujos ecos ainda se ouvem hoje nesta Casa, vindos da programação musical constante, de que são exemplo maior os Encontros Internacionais de Música da Casa de Mateus.

D. Luís António foi também um dos mais diligentes conservadores do Arquivo da Casa, mantido até hoje pela persistência da família e que reúne mais de 300.000 documentos, sendo

o mais antigo de 1453: uma sentença que regula a posse de terras... Os seus últimos anos foram dedicados a arquitetar a obtenção do Condado, que haveria de tocar a seu neto D. José Luís, e a dedicar-se à sua progressiva devoção religiosa, que o levou à aquisição de inúmeras relíquias, das quais podemos encontrar um número significativo no Museu de Arte Sacra e que, a par das indulgências obtidas, tinham como fim a certeza da salvação...

SALA DE JANTAR

COMER | CONDESSA DE MANGUALDE

Estamos na Sala de Jantar, o lugar onde a família se reunia para as suas refeições – que, de resto, ainda hoje acontecem em ocasiões especiais. Estamos no topo nascente da ala sul do Palácio e a localização estratégica desta Sala diz-nos muito sobre as dinâmicas que a vida na casa implicava. Por trás daquela porta, encontra-se a área privada do Palácio, ainda hoje habitada pela família nas suas permanências em Mateus. Imediatamente à esquerda, escondida por detrás daquilo que parece ser a porta de um armário embutido idêntico em tudo aos três restantes que podemos ver em cada um dos cantos, está a escada que conduz à cozinha, situada precisamente por baixo de nós. É o único acesso interior entre os dois pisos.

Nenhuma das outras salas nos dá, como esta, a ideia clara da separação funcional entre os dois pisos da casa. Abaixo, as zonas de serviço: a cozinha, a garagem, a cavaleriça, os armazéns, os quartos dos criados... Acima, o piso nobre, ao qual se acedia habitualmente pelas escadarias exteriores. Uma dinâmica que demonstra uma clara distinção social que, de resto, se desdobrava também na composição do grupo familiar que ia habitando a casa... A ideia de família podia ser bastante alargada e incluía irmãos não herdeiros, familiares mais distantes e, inclusivamente filhas bastardas com as respetivas famílias. Entre os criados, a composição era igualmente diversa, até do ponto de vista racial, como podemos verificar através do documento, constante do arquivo da casa, que comprova a aquisição e pagamento de uma escrava jovem, trazida por D. Luís António da sua longa permanência no Brasil...

Uma das fontes que podemos consultar para compreendermos como se alimentava em diversidade e alguma economia aquela que era uma pequena corte, são os livros de receitas que se foram transmitindo ao longo das gerações e que nos mostram um cruzamento singular dos produtos e das tradições gastronómicas locais com as influências, sobretudo francesas e inglesas, chegadas da corte ou trazidas diretamente das viagens e missões que levavam os membros da família por esse mundo fora.

Um dos mais completos foi-nos deixado pela Condessa de Mangualde, já no início do séc. XX, com a sua procissão de sopas e primeiros pratos, pratos leves e pratos do meio, doces, biscoitos e molhos... Enquanto apoiava o marido, D. Fernando, nas suas lutas pela restauração da monarquia, num tempo conturbado de afirmação da República em Portugal, D. Teresa geria a casa e destinava, com a respetiva receita, pratos de caça, reveladores de uma prática ainda hoje corrente na região, pratos regionais diversos, mas também as *potages*, os *cakes* e os *petit choux*... Preservadas nos arquivos, podemos ainda encontrar mezinhas e receitas várias que nos ensinam como secar o leite, como combater as faltas de ar, mas também, como podemos ver num livrinho cuidadosamente manuscrito por D. Luís António, as receitas infalíveis para o alívio da gonorreia ou dos 'graons inchados'...

Nesta sala, para além do serviço de licor do séc. XIX, proveniente de França ou da Boémia, e das peças da baixela de prata dos sécs. XVIII e XIX que podemos admirar neste armário em vinhático e pau-santo maciço, pontifica ainda um conjunto de naturezas mortas datadas do séc. XVII e realizadas por pintores holandeses e italianos, mas inspiradas em Caravaggio, o grande mestre da pintura barroca.

MUSEU DE ARTE SACRA

REZAR | DIOGO ÁLVARES BOTELHO MOURÃO, O SANTO ARCEDIAGO

Nestas duas salas, encontramos o Museu de Arte Sacra. Criado pelo instituidor da Fundação, D. Francisco, reúne um extraordinário espólio de objetos que demonstram eloquentemente o sentimento religioso da família e os inúmeros laços que sempre a ligaram à Igreja. Um dos acervos mais impressionantes, pela forma como nos fala de uma religiosidade exacerbada, é a coleção de relíquias que aqui podemos ver. Entre fragmentos de ossos de São Sebastião, ou de São Paulo, exibidos em ostensórios de prata fabricados por ourives romanos que alimentavam esta verdadeira indústria da época, encontramos este importante relicário contendo um manuscrito assinado por Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Esta só não é a peça mais impressionante deste espólio porque, na Capela, podemos encontrar o corpo inteiro de São Marcos Mártir, ricamente vestido no seu traje militar.

Uma boa parte das relíquias e alguns dos objetos de arte sacra que podemos encontrar neste espaço terão sido trazidas diretamente de Roma por Diogo Álvares Botelho Mourão. Também conhecido como o Santo Arcediago, era irmão de António José, o construtor da Casa, e partiu para Roma em 1698, tendo aí vivido por longos vinte anos e exercido a sua influência junto do Papa Clemente XI, cujo pontificado se estende até 1721.

Refira-se, porém, que estas peças oferecidas por Diogo Álvares vieram juntar-se a um conjunto importante de peças já existente, destinado a enriquecer o serviço de liturgia e do culto da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres. Recordemos que, antes da construção da Capela que podemos ver hoje, inaugurada em 1750, existiu outra mais pequena, que ocupava o espaço hoje definido pela sacristia e está simbolizada no Cruzeiro que podem ver no pátio. A profusão de relíquias e a riqueza dos paramentos permitiam, além da afirmação de fé e da corresponsável esperança na salvação, afirmar um estatuto social à escala da riqueza que a família tinha acumulado e afirmar a importância da capela enquanto local de culto.

Em sintonia com a espiritualidade da época barroca, em que se assiste a um forte impulso das devoções marianas, podemos encontrar as imagens de Nossa Senhora da Conceição, em marfim, de oficina indo-portuguesa, e a de Santa Ana ensinando a Virgem a ler, que foi uma das devoções que D. Luís António mais privilegiou. Podemos ainda admirar este magnífico Cristo moribundo, cingalo-português, da transição entre os sécs XVI e XVII. Mas uma das peças mais importantes do acervo da Casa de Mateus é este: a Descida da Cruz, da primeira metade do séc. XVI, um baixo relevo da autoria de Hans Daucher, escultor e gravador renascentista alemão, a partir de um desenho de Albrecht Dürer, o grande pintor, gravador, matemático e teórico da arte que está na origem do chamado Renascimento nórdico.

Outra das peças monumentais que aqui podemos ver é este altar de talha dourada do séc. XVII, representando uma Sagrada Família ainda de gosto maneirista. A construção da nova capela implicou também a renovação das vestes eclesiásticas e de todas as alfaias que serviam o cerimonial litúrgico que, nos seus dias mais solenes, se rodeava de uma grande intensidade cénica e emocional. Da altura, conservamos estes paramentos executados em Portugal, em cetim bordado e ouro, que terão demorado cerca de oito anos a serem executados e terão servido uma única vez, na inauguração da capela.

Uma última referência, vai para este conjunto de três escapulários da Ordem das Carmelitas Descalças, que acompanharam D. Luís António durante a sua permanência no Brasil, constituindo um claro testemunho do culto privado do 4º Morgado de Mateus a Nossa Senhora do Carmo, que o levou a batizar dois dos seus filhos, D. Maria do Carmo e D. José Maria do Carmo, o Morgado de *Os Lusíadas*, com o nome desta invocação.